

## Índice

Prefácio	9
O Melhor Mês	17
Elogio do 25 de Abril	21
A caminho dos 50 Anos	37
A Idade Adulta	47
50 Anos: Abril e Nós	55
Não Há Céu sem Inferno!	69
O Fim da Sociedade Dual	81
Antes e Depois de Abril	93
Portugal Mudou	99
Portugal e o Mundo em Transição	103
Portugueses no Século XXI	115



## Prefácio

Não conheço quem não tenha “o dia mais feliz da minha vida”. Há mesmo quem tenha vários dias mais felizes da sua vida. Em geral, estão associados ao amor ou aos filhos. Mas é muito frequente encontrar quem diga sem rodeios que o 25 de Abril foi o dia mais feliz da sua vida. Pode ser que se trate de declaração política para os contemporâneos ou para os descendentes. Também pode ser que tenha utilidade política ou constitua expressão de simples vaidade. Mas a verdade é que há muita gente que faz aquela afirmação sem hesitar.

Este facto traduz a importância da data e o significado do acontecimento. Para os que têm mais de 50 anos, esse dia foi muito. Ou quase tudo. Foi a liberdade de ler, de ver, de ouvir, de falar, de andar na rua, de trabalhar, de estudar, de namorar e de procurar profissão e carreira. Até esse dia, havia futuros hipotecados. Vidas suspensas. Censores empenhados. Espiões cuidadosos. Polícias atentos. Denunciantes zelosos. Companhias a evitar. De repente, quase realmente de um dia para o outro, tudo parecia possível. Tudo era possível. A paz. O trabalho. A viagem. O namoro. O conhecimento. A leitura. O teatro. Recordar Abril é recordar tudo. Por isso é tão festejado. Não é unânime, mas é universal, ou consensual, como se quiser.

O que veio depois, são outros contos. Cada um viveu à sua maneira tudo o que passou a ter, todos fizeram as suas escolhas.

As diferenças e as oposições surgiram depressa. Mas eram inevitáveis, e ainda bem. A liberdade também era isso. Depois desse dia, cometeram-se erros, fizeram-se violências, ameaçaram-se pessoas, maltrataram-se cidadãos, mas nada chegava para afastar o essencial: a liberdade. Até porque tinha sido com a liberdade que se tinha tentado a democracia, foi com liberdade que se procurou destruir a democracia, foi finalmente com liberdade que se derrotaram os autocratas e se fundou a democracia. Para além dos que lutavam contra a liberdade e dos que ganhavam com o sistema autoritário, Abril só não foi o dia mais feliz da sua vida para umas centenas de milhares de pessoas que, com inocência e sem culpa, tudo perderam, a começar pelo respeito e a acabar nos bens: eram os residentes em África.

Cinquenta anos depois de Abril, ainda há uns milhões de pessoas que o recordam e comemoram. Curiosamente, muitos dos que o festejam não o recordam, pois não eram vivos nessa altura. Mas a força da liberdade é tal que muita gente comemora pelo significado, pela consequência, não pela recordação. O que só sublinha a importância da data. O feriado oficial de 25 de Abril é compreensível. É um sinal oficial. É a alusão explícita à democracia e à liberdade conquistada. Mas poderia não ser mais do que outras, passadas ou presentes, sem real significado. Ora, esse não é o caso. Mais do que qualquer outra data, Abril é festejado e comemorado voluntariamente, nas ruas, sem protagonistas oficiais ou oficiosos.

As comemorações são o que nós quisermos. Festas. Momentos de alegria. Compassos de espera. Oportunidades para reflexão. Podem ser causa ou consequência de vários movimentos ou sentimentos: unidade, divisão, querela, paz, confraternização ou ajuste de contas. Podem ajudar a revelar ou esconder a verdade. Ou fomentar o lugar-comum. Ou proporcionar um tempo de introspecção.

Por vezes, as comemorações fazem-se em homenagem a uma pessoa ou um facto, com inocência e alguma sinceridade. Outras,

fazem-se com programas actuais, implícitos ou explícitos, disfarçados ou invisíveis. Mas todas as comemorações têm algo de presente e de actual. Mesmo as festas religiosas, entre as menos oportunistas, têm evidentemente uma dimensão prática, actual, de união, de coesão e de futuro. As festas nacionais também. O 10 de Junho e o 1.º de Dezembro são bons exemplos, os temas a que aludem já estão distantes, muitas pessoas ou instituições e autoridades dão realmente pouca importância ao facto ou ao tema, mas não podem deixar de se celebrar. Fazer é banal, mas deixar de fazer pode ser perigoso, mal compreendido e ter efeitos negativos.

O 10 de Junho é uma das datas que têm mais história e interesse. Na verdade, já foi comemorado durante a monarquia, no Estado Novo e em democracia. Já teve várias designações, conforme os tempos. Sempre com o pretexto do aniversário da morte de Camões, foi “Dia da Festa Nacional”, “Dia de Portugal”, “Dia da Raça”, “Dia de Camões”, “Dia das Comunidades” e “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades”. Tal como festas pagãs tiveram origem religiosa, ou vice-versa, também o “Dia de Portugal” ficou dependente das modas. Na verdade, não há feriado ou festa que não tenha esse sentido de oportunidade ou de circunstância.

Os dias dos Santos, cada vila ou cidade tem o seu, estão já a milhas do patrono, são festas quase civis e laicas, onde o descanso, o divertimento, a bebida e o baile são muito mais importantes. Até já há festas designadas por “Santos populares”, o que diz tudo sobre o sentido e a essência do ritual. Há romarias que deixaram de ter romagem ou procissão. Há dias de santos que já só têm bailarico, divertimento e consumo. Mas dia de santo é sagrado, mesmo para os ateus. E até existe o dia de Todos os Santos.

Outras festas ou outros feriados têm vida mais simples, com pouco significado e com utilidade menos gloriosa. O 1.º de Janeiro, o dia de Ano Novo, despidido de significado actual, cultural ou político, terá apenas o sentido do descanso e do eterno recomeço. Mas é talvez o mais antigo dos feriados ou das festas ainda co-

memorados, pois terá sido decretado por um imperador romano. Ao longo dos tempos, o Papa, a ONU e os Republicanos em Portugal tentaram utilizar este primeiro dia do ano para festejar a “Fraternidade Universal”. Já o Carnaval, também antigo e com conotações religiosas, terá gradualmente perdido o seu significado inicial, transformando-se em festa pagã de exageros e excessos, em que tudo vale e nada faz mal.

Depois... há as festas mais políticas. Umas quase nacionais, outras nem por isso. A Independência nacional (do Primeiro de Dezembro) é política, mas afasta-se da quezília. O 5 de Outubro, sempre político, ora seguido, ora esquecido, ora apenas tolerado, conforme os tempos, está actualmente em desuso e certamente desaparecerá, a não ser que atinja o estatuto de “santo popular”. Já o 28 de Maio, festa do Estado Novo, oficial e obrigatório, foi ritual, mas, desde que houve liberdade, desapareceu das agendas e dos calendários. Tal como o Estado Novo, ninguém correu a conservar ou comemorar a sua data de nascimento.

O 1.º de Maio é marcadamente político e social. Nasceu há mais de cem anos, nos Estados Unidos. Foi sempre festa de luta. Há países em que o “dia do trabalho” nem sequer é naquela data mais usada. Em Portugal, a sua fortuna deve-se em grande parte ao facto de ter sido praticamente proibido durante décadas e de ter marcado, de modo indelével, os novos tempos de democracia desde 1974. Desde então, a comemoração oscila entre a festa de descanso e a luta solidária. Mas é bom que haja esta festa em tempos em que parece perder-se o valor do trabalho.

Actualmente, o 25 de Abril é evidentemente data especial. É uma rara data política que alcançou valor nacional. Não unânime, como nada na vida, mas suficientemente alargada para ser caso maior. É efeméride cujos acontecimentos já só foram vividos por menos de metade da população. Mesmo assim, o significado e o valor são partilhados por várias gerações mais novas. É talvez hoje, entre comemorações e feriados, a data mais festejada. Não apenas porque as instituições e as organizações se empenham nisso, mas sobretudo porque se associa a festa à liber-

dade. A sua comemoração, tanto oficial como popular, nacional ou local, é boa demonstração do seu carácter plebeu e espontâneo. É verdade que Natal e Páscoa são mais celebrados, mas não especialmente do mesmo modo. Na verdade, o lado “festividade de consumo” retirou valor e significado às datas e aos temas religiosos.

Abril, pois! Abril de liberdade. Abril de cidadãos. Abril de orgulho e de democracia. Abril de glórias e de defeitos, como tudo o que é humano.